

**Tentações que nos
afetam...**

The background features several overlapping, wavy shapes in a gradient of colors from light orange to deep red, creating a soft, abstract pattern.

***Quais as tentações nos
afetam na missão como
catequista?***

“

Como filhos desta época, todos estamos de algum modo sob o influxo da cultura globalizada atual, que, sem deixar de apresentar valores e novas possibilidades, podem limitar-nos, condicionar-nos.

Sim ao desafio de uma espiritualidade missionária

- É possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do **individualismo**, uma **crise de identidade** e um **declínio do fervor**. São três males que se alimentam entre si.
- Em consequência da cultura midiática que emitem desconfiança em relação a Igreja, alguns agentes embora rezando, desenvolvem uma espécie de complexo de inferioridade que os leva a relativizar ou esconder a sua **identidade cristã** e as **suas convicções**.
- ***Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!***

Não à apatia egoísta

- Alguns temem que alguém os convide a realizar alguma tarefa apostólica e procuram fugir de qualquer compromisso que lhes possa **roubar o tempo livre**.
- O problema não está sempre no excesso de atividades, mas, sobretudo, **nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação** e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer.
- Desenvolve-se a psicologia do tórumulo, que pouco a pouco transforma os **crístãos em múmias de museu**. Desiludidos com a realidade, com a Igreja ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como «o mais precioso elixir do demônio». **Chamados para iluminar e comunicar** vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior e corroem o dinamismo apostólico.
- *Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!*

Não ao pessimismo estéril

- Os males do nosso mundo – e os da Igreja – não deveriam servir como desculpa para **reduzir a nossa entrega e o nosso ardor**. Vejamo-los como desafios para crescer.
- Uma das tentações mais sérias que sufoca o fervor e a ousadia é a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados, mal-humorados e com cara de vinagre.
- Em alguns lugares, se produziu uma «desertificação» espiritual, fruto do projeto de sociedades que querem construir sem Deus ou que destroem as suas raízes cristãs.
- *Não deixemos que nos roubem a esperança!*

Sim às relações novas geradas por Jesus Cristo

- Sentimos o desafio de descobrir e transmitir a «mística» de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. **Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem.** Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos.
- Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à re-volução da ternura.

Sim às relações novas geradas por Jesus Cristo

- cresce o apreço por várias formas de «**espiritualidade do bem-estar**» sem comunidade, por uma «teologia da prosperidade» sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista.
- Um desafio importante é mostrar que a solução nunca consistirá em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros.
- Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade *mística*, contemplativa, que sabe **ver a grandeza sagrada do próximo**, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom.

Não ao mundanismo espiritual

- Este mundanismo pode alimentar-se, sobretudo, de duas maneiras profundamente relacionadas. Uma delas é o fascínio do gnosticismo [...] A outra é o neopelagianismo autorreferencial de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente ***fiel a certo estilo católico próprio do passado.***
- Em alguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história.
- ***Não deixemos que nos roubem o Evangelho!***

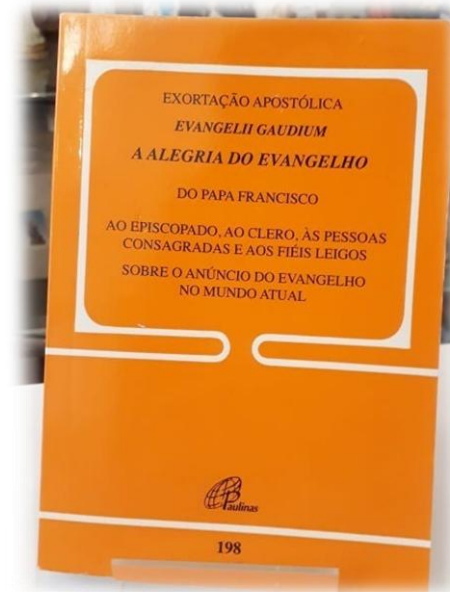
Não à guerra entre nós

- Alguns deixam de viver uma adesão cordial à Igreja por alimentar um espírito de contenda. Mais do que pertencer à Igreja inteira, com a sua rica diversidade, pertencem a este ou àquele grupo que se sente diferente ou especial.
- Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente.
- Rezar pela pessoa com quem estamos irritados é um belo passo rumo ao amor, e é um ato de evangelização. Façamo-lo hoje mesmo.
- *Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!*

“

*Sejamos realistas, mas sem
perder a alegria, a audácia e a
dedicação cheia de esperança.
Não deixemos que nos roubem
a força missionária.*

- Síntese baseada na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.



Gratidão !

